

ALÉM DOS QUARTOS: COLETÂNEA ERÓTICA FEMINISTA NEGRA LOUVA DEUSAS: A CONSTRUÇÃO DO CORPO NEGRO POR POETAS NEGRAS

*ALÉM DOS QUARTOS: COLETÂNEA ERÓTICA FEMINISTA NEGRA
LOUVA DEUSAS: THE CONSTRUCTION OF THE BLACK BODY BY
BLACK FEMALE WRITERS*

*ALÉM DOS QUARTOS: COLETÂNEA ERÓTICA FEMINISTA NEGRA
LOUVA DEUSAS: LA CONSTRUCCIÓN DEL CUERPO NEGRO POR
POETAS NEGROS*

*Raissa Lauana Antunes da SILVA**

Resumo: A produção poética, historicamente, é um espaço ocupado por homens, principalmente homens brancos. O discurso patriarcal e etnocêntrico regeu durante anos o que hoje consideramos como o cânone da poesia, evidenciando um único tipo de construção, uma única visão de mundo. Com o passar dos séculos, a poesia feminina foi adentrando esse espaço, tornando a composição poética mais inclusiva e repleta de representações. Com isso, a mulher passou a ser vista, não apenas por meio da construção poética de homens, mas também de suas próprias construções. Entretanto, quando falamos da mulher negra, pouco percebemos a existência de poemas que a trazem como alguém com subjetividade e desejos. Buscando contradizer essas narrativas pré-estabelecidas, o presente artigo tem por objetivo apresentar a antologia poética **Além dos quartos: coletânea erótica feminista negra Louva Deusas** publicada em 2015 pelo Louva Deusas: Coletivo Feministas Negras. Este artigo tem como motivação a apresentação de novas possibilidades de se fazer poesia, pensando no corpo feminino negro a partir da subjetividade da mulher preta e da coletividade social que a cerca.

Palavras-chave: Corpo negro; Erotismo; Sexualidade; Desejo.

Abstract: Historically, poetic production is a space occupied by men, mainly white men. Patriarchal and ethnocentric discourse ruled for years what today is considered the canon of poetry, evidencing a single type of construction, a single view of the world. Over the centuries, female poetry has entered this space, making the poetic composition more inclusive and full of representations. With that, the woman came to be seen, not only through the poetic construction of men, but also through her own constructions. However, when we talk about the black woman, we hardly notice the existence of poems that bring her as someone with subjectivity and desires. Seeking to contradict these pre-

* Mestranda em Teoria da Literatura pela PUC-RS e Bolsista CNPq. Contato: rlauana5@gmail.com.

habitual narratives, this article aims to present a poetic anthology **Além dos quartos: coletânea erótica feminista negra Louva Deusas**, published in 2015 by Louva Deusas: Coletivo Feministas Negras. This article is motivated by the presentation of new possibilities of making poetry, thinking about the black female body from the subjectivity of the black woman and the social collectivity that surrounds her.

Keywords: Black body; Eroticity; Sexuality; Desire.

Resumen: Históricamente, la producción poética es un espacio ocupado por hombres, principalmente hombres blancos. El discurso patriarcal y etnocéntrico gobernó durante años lo que ahora consideramos el canon de la poesía, mostrando un solo tipo de construcción, una sola cosmovisión. A lo largo de los siglos, la poesía femenina ha entrado en este espacio, haciendo la composición poética más inclusiva y llena de representaciones. Con eso, la mujer pasó a ser vista, no solo a través de la construcción poética del hombre, sino también a través de sus propias construcciones. Sin embargo, cuando hablamos de la mujer negra, apenas notamos la existencia de poemas que la traen como alguien con subjetividad y deseos. Buscando contradecir estas narrativas preestablecidas, este artículo tiene como objetivo presentar la antología poética **Além dos quartos: coletânea erótica feminista negra Louva Deusas**, publicada en 2015 por Louva Deusas: Coletivo Feministas Negras. Este artículo está motivado por la presentación de nuevas posibilidades de hacer poesía, pensando en el cuerpo de la mujer negra desde la subjetividad de la mujer negra y la colectividad social que la rodea.

Palabras clave: Cuerpo negro; Erotismo; Sexualidad; Deseo.

Introdução

Escrever e ler sobre o corpo é pensar no que está expresso no texto e também nas sensações que este provoca. É permitir um momento de maior conexão com nós mesmas, o qual pode ser possibilitado pela poesia. No entanto, ao focar meus estudos na produção poética, deparei-me com uma visão de corpo que me é estranha, distante, que não comporta por completo o meu corpo e o corpo de outras pessoas negras que conheço, que não evidencia a essência desses corpos belos e díspares. Tomando tal fato como base, justifico, inicialmente, que este artigo será pessoal, em algum nível. Será, de certa forma, uma amostra do que é a representação do corpo da mulher negra na literatura considerada canônica e do que pode ser por meio da poesia afrofeminina, pois, pensar o corpo da mulher negra e a representação do corpo da mulher negra, mais especificamente, é algo complexo dentro

da produção poética. Por isso, os poemas eróticos analisados no presente artigo constituem um ato político de resistência, que segundo Rocha, Melo e Santos (2019, p. 362):

são, em si, estéticas de resistências que se opõem à excessiva formalização, ao dualismo esquemático e à razão instrumental, rompendo, assim, com a referência única – o homem, branco, heterossexual – para questionarem sobre a diferença na multiplicidade, a partir de múltiplas identificações.

Entretanto, para analisarmos esta renovação ocorrida graças ao feminismo negro, devemos considerar que, historicamente, o corpo negro vem sendo desabilitado de qualquer subjetividade, de qualquer desejo, de qualquer eroticidade. Esses corpos animalizados, vistos como não-pessoas, foram estigmatizados como seres sem qualquer direito de posse sob seus próprios corpos e seus próprios desejos. Restritos ao trabalho braçal, à procriação e ao trato com a casa grande, eram e ainda são reduzidos a não-pessoas, sem conhecimento de suas subjetividades ou de suas vivências diárias.

A partir dessa política de deslegitimação desses corpos, implantou-se no imaginário social a animalização e exarcebada sexualização de mulheres negras. Essas narrativas determinadas para corpos negros femininos se dividiam de acordo com a ideia subjacente “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar” (FREYRE, s/d, p. 48), criando um imaginário social estereotipado. Às mulheres consideradas “mulatas”, negras com características mescladas entre negros e brancos, cabia-lhes, muitas vezes, o papel de mucamas. Essas serviam como objetos de práticas sexuais por seus senhores e de práticas de tortura por suas sinhás. Às negras, delegava-se o papel de seres animalizados, algumas procriadoras de mais indivíduos a serem escravizados, outras restritas aos trabalhos das cozinhas e dos campos.

Essas narrativas produzidas ao longo de nossa literatura construíram um imaginário para o corpo negro, que não era nada mais além do que o que os dominadores desejassem que fossem, narrativas que se perpetuam até hoje, pois, como afirma hooks “[...] essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente.” (HOOKS, 1995, p. 469).

Pensando na necessidade de reformulação dessas narrativas, percebi que analisar poemas, fora da literatura canônica, sobre o corpo e a sexualidade da mulher negra seria um trabalho apropriado para o atual momento em que, frequentemente, vemos corpos negros tratados muitas vezes sem qualquer sentimento, em que a morte ou o abuso desses indivíduos significa apenas uma estatística. Seguindo essa premissa, Mbembe (2014) dirá que reconstruir suas próprias histórias e seus próprios corpos é reformular o negro, assim como as demais sociedades e os demais sujeitos. A moralidade é a base para essa reconstrução, que se baseará em princípios de segregação, de violência e de terror racial para evidenciar a presença de seres complexos.

A partir disso, procurei por coletâneas de poemas que evidenciassem a reconstrução da sexualidade da mulher negra, de seu corpo e de sua essência, a fim de reforçar a necessidade de pensarmos o corpo negro na literatura. Feita a pesquisa, encontrei poemas produzidos pelo Coletivo Louva Deusas, o qual desenvolveu, entre suas diversas edições, a Coletânea **Além dos quartos: coletânea erótica negra Louva Deusas** (2015). Essa coletânea, organizada por 41 escritoras e 11 desenhistas feministas negras, apresenta novas possibilidades de versificação sobre o corpo negro. O trabalho do coletivo mantém-se a partir de financiamentos e empenhos das próprias escritoras, as quais buscam perceber e conceber a mulher negra na poesia como proprietária da sua sexualidade, extrapolando as perspectivas de constituição de cada mulher impostas pelo racismo e pela coisificação do sujeito. Para fundamentar teoricamente a desconstrução possibilitada por esses poemas, trarei as vozes de Isaldinha Nogueira, Bell hooks, Miriam Alves, Conceição Evaristo e Audre Lorde, em conjunto com artigos produzidos sobre a temática apresentada.

O corpo da mulher negra na poesia branca

Isaldinha Nogueira (1999), em seu texto **O corpo da mulher negra**, propõe a visão do corpo como um signo construído pelos sistemas sociais que o cercam, ou seja, determinado pela sociedade em que está inserido. Analisar um corpo nada mais é do que analisar uma sociedade. Entretanto, devemos sempre pensar sobre qual corpo estaremos analisando. Como esse corpo será visto pela sociedade? Qual

a leitura que o social fará sobre ele? Essas são questões inquietantes que passam a cabeça de diversos críticos das mais variadas áreas.

Podemos conceber que analisar o corpo em um texto poético é perceber a tensão existente entre sociedade e corpo representado. É ir além do que está posto, é relacionar e pensar no contexto que cerca o sujeito representado, uma vez que

O poema se nutre da linguagem viva de comunidade, de seus mitos, seus sonhos e suas paixões, isto é, suas tendências mais secretas e poderosas. O poema constrói o povo porque o poeta remonta a corrente da linguagem e bebe na fonte original. No poema a sociedade se depara com os fundamentos de seu ser, com sua palavra primeira (PAZ, 1982, p. 50).

A partir dessa visão imbricada entre poesia e sociedade, feita por Paz, percebemos que o eu lírico não falará apenas do subjetivo, mas também do corpo como coletivo social. Falar de si será exteriorizar a si, ao outro, a nós. O poema revelará o eu que escreve e seu entorno. Logo, é notável como essa visão do corpo está interligada com a poesia e com a sociedade, as quais, comumente, representaram mulheres negras como

a mãe preta, perfil da generosa mãe-de-leite, sempre sorridente e amável, sempre alimentando e ninando a criança branca; a empregada doméstica, uma espécie de força bruta assexuada, de rosto indiferenciado, na função reificada de objeto do lar; e a insinuante mulata, corpo erotizado em excesso, objeto dos desejos "ocultos" do homem branco (SALES, 2017, s/p.).

Entre os poetas brasileiros que, em seus poemas, abordaram especificamente o corpo negro, temos Gregório de Matos, Castro Alves, Olavo Bilac, Jorge de Lima. Em todas as produções poéticas desses escritores, observa-se a composição de imagens e de corpos, regidos por terceiros. A partir de seus períodos específicos, esses poemas desenvolveram ideias sobre os corpos femininos, não apenas de mulheres brancas, mas também de mulheres negras, as quais eram inseridas em moldes estabelecidos pelo contexto social.

Jorge de Lima, em “Essa nega fulô”, versou sobre o corpo da mulher negra de forma romantizada, porém não menos prejudicial, uma

vez que, a partir da noção de mulher negra fogosa, deu-se a fundamentação de uma construção sexualizada e mantenedora de violações aos corpos de mulheres negras. A objetificação do corpo da mulher negra sem nome simboliza o esvaziamento do sujeito, ou seja, de sua anulação enquanto pessoa. A mulher escravizada, em seus versos, é concebida a partir da visão de sua época de produção, vista como alguém dominado pela sociedade, gerando desejo em seu senhor e inquietação na mulher que comanda a casa. A seguinte passagem pode exemplificar essa visão, uma vez que o eu lírico fala “A negra tirou a saia e tirou o cabeção, de dentro dele pulou nuinha a negra Fulô” (LIMA apud COUTINHO, 1958, p. 291). O trecho mostra uma pequena passagem em que a mulher negra é hipersexualizada por meio dos versos do poeta, sendo esse apenas um dos episódios do poema em que a mulher negra é posta em uma situação de vulnerabilidade perante seus “senhores”.

Evaristo (2005) dirá que a literatura brasileira frequentemente promoveu a produção simbólica da mulher negra de forma pejorativa, escondendo-a como um sujeito. Ao analisarmos as produções dos poetas que versaram sobre a mulher negra, ainda é visível sua relação com a escravidão e com o período em que essas produções estavam inseridas. Sobre isso, Sales (2017), ao analisar a poesia de Miriam Alves, também dirá que esses corpos vistos pelo cânone são codificados por afirmações e comportamentos sociais que regem e definem quem são essas mulheres. Sua sexualidade, sua erotividade, seus corpos ficam à mercê da visão patriarcal que irá regê-los.

Essas opiniões sociais que perduram a compreensão dos corpos negros, de acordo com Nogueira (1999), produzem efeitos negativos na compreensão do próprio corpo desses sujeitos fora de sua representação. Tomando por base essas narrativas ultrapassadas, a mulher negra, muitas vezes, é inibida da formação de sua própria constituição como indivíduo social. Com essa tipificação do corpo da mulher negra, podemos pensar a posição que essa mulher já ocupou na sociedade, em contraponto com a posição que ocupa na atualidade. Existem diferenças? Existem similaridades? Para fugir disso, ela, como poeta, busca se compor através do nós, não apenas do eu, metamorfoseando a composição corpórea da mulher negra através da poesia afrofeminina.

O corpo da mulher negra na poesia afrofeminina

Apesar das transformações históricas, o corpo da mulher negra ainda é comportado em certos moldes que devem ser desconstruídos. Socialmente, esses corpos ainda carregam estigmas, em que a narrativa dominante ainda perpetua, através de representações, conceitos equivocados que podem influenciar diretamente na saúde física e mental de mulheres negras. Segundo Santos-Febre (*apud* CASTRO, 2010, p. 92),

As mulheres e o corpo sempre estiveram em uma relação problemática. Às vezes vivemos fechadas em seu limite, sem poder sair do corpo. Em outros momentos, vemo-nos como oferta para a demanda de homens tanto que queremos nos converter em donzelas puras, honradas, bonitas e amantíssimas. Ou nas sedutoras famintas. [...] O século passado, o XX, ofereceu-nos mais. Ofereceu-nos a possibilidade de profissões, poderes de aquisição, mobilidade, controle de natalidade, leis que nos protegem, a declaração legal da igualdade. Abriu-nos a definição do que é ser mulher. Mudou-nos os remetentes. Mas esta mudança não nos libertou do paradoxo do que é o corpo. Acontece que ainda nos sentimos asfixiadas, presas pelo corpo e pela rede de significados que este tece. É como se agora, no princípio do século XXI, não pudéssemos sair da estreita prisão dos corpos (SANTOS-FEBRE, 2010, p. 82).

A necessidade de produções artísticas que construam uma auto-imagem autêntica, sem fixar estereótipos deterministas, é a base para essa transformação. Segundo CRUZ (2015, n.p.), faz-se necessário “[...] aprender sobre sexo (sensualidade e sexualidade) com nosso próprio corpo – campo individual – e com as experiências partilhadas por nossas companheiras (sensualidade, sexualidade e emancipação), no campo político”, ou seja, possibilitar recuperações desses corpos através do individual e de movimentos artísticos e sociais que permitam uma integração entre mulheres negras, a fim de que essas aprendam sobre a emancipação de seus corpos em comunidade.

Audre Lorde (1984), em seu texto **Os usos do erótico: o erótico como poder**, vê tal tema como uma “força revigorante e provocativa à mulher que não teme sua revelação.” (LORDE, 1984, p.1). Para a

teórica, o erotismo é uma força poderosa que pode e deve ser explorada pela mulher negra. No entanto, para evitar que tal uso ocorra, forças dominadoras, frequentemente, distorcem o uso do erótico, tornando-o negativo e pornográfico, tirando-lhe todo o poder que deveria ser verdadeiramente atribuído. Segundo Lorde (1984),

Quando desviamos o olhar da importância do erótico no desenvolvimento e sustentação de nosso poder, ou quando desviamos o olhar de nós mesmas ao satisfazer nossas necessidades eróticas em acordo com outras, nós usamos umas às outras como objetos de satisfação ao invés de compartilharmos nosso gozo no satisfazer, ao invés de fazer conexão com nossas similaridades e nossas diferenças. Nos recusamos a ser conscientes do que estamos sentindo a qualquer momento. Por mais confortável que possa parecer, é negar uma grande parte da experiência, e permitir que nós mesmas sejamos reduzidas ao pornográfico, o abusado e o absurdo (LORDE, 1984, p. 4).

Sentir e experienciar o erótico, seja individual, seja socialmente, implica emancipar-se de uma visão eurocentrada e falocêntrica. O erótico exige uma grande conexão com a interioridade e com a coletividade para que haja uma auto-afirmação que se oponha ao que a sociedade atual perpetua.

Ao abordarmos a produção de poemas eróticos, estamos testemunhando a reinvenção do corpo de mulheres negras no imaginário social e no campo político pela poética. Segundo Sales (2017), poetisas negras ao escreverem sobre seus próprios corpos

[...] investem e buscam inserir outras formas de escrita do corpo feminino negro, no atual contexto da literatura afrobrasileira, diferenciando o(s) seu(s) discurso(s) poético(s) das imagens, dos sentidos e das representações depreciativas (sutis, veladas ou explícitas) disseminadas em inúmeros textos da literatura nacional (SALES, 2017, s/p).

Com essa postura, essas poetisas buscam reescrever a história das mulheres negras e se reinserir na escrita e na sociedade. A proposta desses sujeitos é de denunciar, de acordo com Miriam Alves (2010), as concepções ultrapassadas sobre os corpos negros, a fim de quebrar com

as barreiras impostas à poesia pelo cânone, criando, por fim, uma nova concepção do que é ser uma mulher negra. Apesar de ser considerada uma forma de expressão poética intimista, a particularidade dessa poesia que reconstrói o que é ser uma mulher negra é dar voz àquelas mulheres que estão subordinadas, exibindo alternativas para representar os sujeitos abordados e para que esses possam existir. Essas poetas consideram a vida negra em sua plenitude, evidenciando “amores, desamores, sabores, dissabores, dores, ódios, esperança, desesperanças, sonhos, medos, desejos, risos e choros, sons e silêncios, conquistas e derrotas – que são amálgamas para textos literários poético-ficcionais” (ALVES, 2010, p. 185). Para reafirmar isso, Evaristo (2005) dirá que a poesia de escritoras negras não se ancora em estereótipos, pois,

assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2005, p. 54).

Seguindo essa reflexão, a construção de uma poesia que pense na relação “sujeito-mulher-negra” revela a importância do autoconhecimento do próprio corpo que está atrelado a produções artísticas que prospectam o desenvolvimento da auto-estima e da auto-imagem para. O movimento **Black is Beautiful**, por exemplo, teve por objetivo intensificar a auto-imagem de pessoas negras, evidenciando sua beleza única e singular. Da mesma forma, a criação de poemas que pensem o corpo da mulher negra, sua sexualidade, sua eroticidade e seu desejo, fundamenta uma nova perspectiva para além da dominação, em que “a sensualidade é não só uma vivência individual, mas também uma vivência política coletiva.” (CRUZ, 2015, s.p).

O corpo negro será um “espaço” em que as violências, o racismo e as opressões estarão interseccionados; logo, ele representará resistência frente a uma sociedade branca e patriarcal capaz de inviabilizar uma auto-imagem saudável. A sensualidade e a eroticidade estarão

diretamente relacionadas com a auto-estima, quando falamos principalmente de mulheres negras. Por este motivo, o Movimento Negro pautará a importância de uma auto-imagem capaz de reconstruir as marcas deixadas pelo racismo, gerando um empoderamento em pessoas negras como um todo.

Ao tomar como base as reflexões expostas acima, os poemas da *Coletânea* serão analisados a fim de identificar as novas possibilidades de representações poéticas e de existência para mulheres negras. Por meio deles, prospecta-se constatar uma espécie de exílio para grupos que com determinadas palavras falam sobre sensações ou valores que compartilham. A revelação desses valores evidencia uma quebra, um rompimento dos valores heterogêneos de uma sociedade e, até mesmo, “uma rebelião contra os valores de uma sociedade determinada” (PAZ, 1982, p. 54). Neles, buscar-se-á encontrar novas representações de corpos negros que incluam a sexualidade, a eroticidade e a sensualidade sem adentrar nos moldes criados pelo eurocentrismo, pelo falocentrismo e pela escravidão.

Além dos quartos: Coletânea Louva Deusas

O trabalho **Além dos quartos: coletânea erótica negra Louva Deusas** foi a primeira produção do coletivo de poetisas, desenhistas e contistas negras, que recebeu trabalhos de todo o Brasil, além de uma artista franco-marroquina e outra franco-sudanesa. Com o objetivo de colocar a mulher negra no centro de sua própria sexualidade e das dinâmicas que envolvem seu corpo e o social, o coletivo lançou o compilado de trabalhos, distribuído sem custos no site oficial da organização.

Refletindo sobre a temática abordada, devido à extensão do presente artigo, foi necessária a seleção de alguns poemas específicos que serão apresentados nos próximos itens. Contudo, é significativo pontuar que a coletânea também contém contos e desenhos referentes ao corpo e à sexualidade feminina, que também merecem destaque.

Tula Pilar

O poema de abertura da coletânea chama-se “O amante secreto”, da escritora Tula Pilar Ferreira. A poeta paulista foi, além de babá, empregada doméstica e cozinheira, uma artista que lutou contra as opressões. Seguidora de Carolina Maria de Jesus, Tula Pilar, por meio da poesia, buscou revelar mais sobre si e sobre a realidade em que os corpos negros estão inseridos diariamente. A artista era conhecida por participar de saraus periféricos e por suas publicações **Palavras acadêmicas** (2004) e **Sensualidade de fino trato** (2017).

Em sua participação na coletânea, a partir de seu título, percebemos o mistério da relação do sujeito lírico com o objeto de seu desejo. O homem não identificado está perdido “nas mazelas da vida” (FERREIRA, 2015, p. 8). O eu lírico feminino recebe o afeto dado pelo homem negro, o que contradiz de certa forma a narrativa da solidão atribuída à mulher negra (PACHECO, 2013), visto que a poeta cria uma contranarrativa para esses dois corpos que, apesar dos medos e das ressalvas que encontram em amar e desejar, deram-se em afetividade

Com um arrepio pelo corpo aconcheguei-me
Retribuí-lhe um beijo ousado, carente e cuidadoso mas,
um medo de amar endureceu meu coração
Liberto em seguida pela confiança de seu toque
Em um barraco precário, uma condição desumana
O telhado de zinco, nem tão alto a nos espreitar com remendos de
cimento branco,
encardidos talvez da poluição da cidade
(FERREIRA, 2017, p. 8)

Nesse trecho do poema, observamos dois corpos repletos de afetuosidade. Apesar do cenário que os cerca, ambos se perdem entre as possibilidades de suas emoções, perdem-se em si e no outro. Essa mulher vê em seu igual o medo de amar e o desejo que o impele a isso. Ambos, ultrapassando uma barreira silenciosa, amam-se mutuamente, reconhecendo os castigos e os estigmas que suas peles e seus desejos carregam.

No trecho a seguir, observa-se uma continuidade dessa sensação expressa pelo eu lírico, em que o homem não apenas goza, mas goza um

gozo “há muito oprimido”. Uma leitura possível está ainda na relação entre a necessidade de reprimir um prazer, escondê-lo do social, encontrando em sua igual um refúgio, um local seguro em que seja possível amar e ser amado.

E o amante secreto, gemeu alto, espalhando seu gozo quente, há muito oprimido, por sobre meu ventre
Amanheceu o dia!
A claridade penetrante pelas frestas do barraco
Ao longe, um cantar de Sabiá...
Barulho de fábricas funcionando,
Barulho de homens, bem cedinho, jogando bola na quadra ao lado da favela
O coração do amante, pulsava ofegante junto de meus ouvidos, junto de meus cabelos desgranhados...[sic]
Um momento perfeito para que duas pessoas trocassem seus desejos
(FERREIRA, 2017, p. 9)

Ao aproximarmos esse poema da fala de hooks (2000) sobre a dificuldade de pessoas negras amarem-se mutuamente, observamos no poema de Tula Pilar a tentativa de reverter essa realidade. Mesmo que a exploração e a opressão sejam responsáveis pelo desmantelamento do amor entre corpos negros, a poeta busca curar as feridas que permeiam os corações negros. Em seu poema, a possibilidade de amar entre tantas mazelas representa um ato de resistência. Com o término da noite e o início de um novo dia, o eu lírico termina sua canção ao sujeito amado ao afirmar que tal momento era “perfeito para que duas pessoas trocassem seus desejos” (FERREIRA, 2015, p. 9); contudo, não quaisquer pessoas, mas sim aqueles corpos que na troca de carícias desautomatizaram a visão que outrem tem sobre o corpo negro e a visão de o negro sobre si.

Raquel Almeida

Em contraponto ao desejo pelo outro, expresso nos poemas anteriores, o eu lírico, em “Meu eu”, de Raquel Almeida, fala sobre seu próprio corpo. A poeta, assim como as demais, versa sobre a feminilidade preta. Fundadora do Sarau Elo da Corrente, Raquel

Almeida é ativa no movimento de literatura periférica. Entre seus trabalhos estão: **Sagrado sopro: do solo que renasço** (2019) e **Elo da corrente edições e duas gerações sobrevivendo ao gueto** (2018). Além de suas obras individuais, Raquel Almeida contribuiu na coletânea com o poema “Meu eu”, centrando-se no corpo do eu lírico

Meu ser transborda
Afinidades com meu corpo
Com meu EU
Necessidade de amar
De sentir EU desejo!
Desejo viver meus momentos
In-ten-as-men-te [sic]
Eu mulher
Me olho, me acaricio, me deu prazer [sic]
E não me sinto só.
(ALMEIDA, 2015, p. 20)

Nesse poema, o eu lírico fala sobre seus próprios desejos, utilizando, até mesmo, letras maiúsculas para enfatizar seu próprio ser, sua individualidade. A relação do sujeito lírico com seu corpo distingue-se do poema anterior, em que o sujeito desejado é o foco do eu lírico. A solidão, para o sujeito feminino, é substituída pelo auto prazer. Sobre a masturbação, Cruz (2015) aborda em seu estudo uma análise de Muraro (1983). Nele, a masturbação para mulheres de classe baixa, negras e não intelectualizadas era vista como um estigma. Buscando quebrar esse paradigma social, o poema de Raquel de Almeida aborda a masturbação para além do tabu estabelecido. Com isso, evidencia-se a subjetividade do sujeito, sobre a qual o poema é construído, não apenas pela exterioridade, mas de sua interioridade, evidenciando desejos. A palavra “Intensamente”, escrita errada no poema, é enfatizada, por meio da soletração, a qual, assim como a letra maiúscula, ressalta a relação do sujeito com seu próprio corpo.

Pabline Santana

Para encerrar as análises dos poemas da coletânea **Além dos quartos**, selecionei o poema da poeta Pabline Santana. A produtora cultural, estudante de cinema audiovisual e poeta considera-se uma mulher negra da diáspora que trabalha com o empoderamento das favelas e busca difundir a cultura afrobrasileira. Em seu poema “Corpo”, a poeta reuniu todos os contextos corpóreos até aqui abordados no presente trabalho. Para fins de análise, o poema será integralmente exposto para o encerramento da temática abordada pelo presente trabalho.

Corpo!

Há nesse corpo de pele preta
uma mulher que anseia por prazer!
Mulher de sentimento sublime que se acaricia lentamente
ao sentir uma necessidade corporal.
Há nesse corpo de pele preta
uma mulher que anseia por vulgaridade! Mulher de sentimento carnal
que acelera pelo corpo as prazerosas carícias.
Há nesse corpo de pele preta uma mulher que se deita e geme!
Mulher que se cala e sente!
Há nesse corpo de pele preta
uma mulher que deseja outro corpo!
Mulher que relaxa sensualmente ao sentir em seu corpo a saliva de
um beijo molhado
Há nesse corpo de pele preta uma mulher sexy e exótica!
Mulher que descansa ao chegar ao ápice da exaustão de um orgasmo
bem sentido
Há nesse corpo de pele preta uma mulher humana, natural! Uma
mulher doce e perigosa dotada de um corpo que deseja de um corpo
que sente
de um corpo que pede de um corpo que faz ao sentir necessidade!
Mulher de sentimento carnal que deseja o erotismo de uma noite
gozada de prazer! Há nesse corpo de pele preta! (SANTANA, 2015,
p. 52-53)

No poema acima, o termo “corpo” é quinze vezes repetido desde o título até o último verso da construção poética. Por meio desse termo, o eu lírico reitera a existência do eu subjetivo, o qual deseja de forma latente e efusiva. As marcas de seu corpo são reforçadas para quebrar os paradigmas construídos socialmente em outras produções. Ao repetir, “Há nesse corpo de pele preta/uma mulher”, o eu lírico reafirma a cor de sua pele, a qual, em diversas situações, não está ligada ao prazer, à vulgaridade, ao erotismo, ao menos de uma forma não objetificada e superficial. Sobre essa visão diferenciada sobre o corpo, Florentina da Silva Souza dirá que:

[...] na tradição de origem africana, o corpo tem papel e função bastante diferente daquele proposto pela tradição ocidental e pela tradição religiosa judaico-cristã. O corpo móvel, elástico e gingado será visto como exótico e imoral por uma cultura na qual é trabalho, desde a infância, para a imobilidade, tolhido em seus movimentos e na expressão de seus desejos (SOUZA, 2005, p. 101).

Seguindo essa premissa, o eu lírico, ao falar sobre o próprio prazer, o qual pode ser sanado por si, evidencia que essa mulher é detentora de desejos. Sua visão de corpo já não é mais a visão de corpo eurocentrada, mas uma visão que retoma o corpo a partir de sua ancestralidade. O eu lírico “se deixa e geme! /Mulher que se cala e sente!” (SANTANA, 2015, p. 52). Essa voz feminina se categoriza como uma mulher humana e normal, nem objeto, nem sujeito sem desejos. Ela retoma em seus últimos versos o corpo que será proposto pela proposição “de um corpo que”. Com essa introdução, ela interioriza a mulher, afirma e reafirma que ela sente, pede e faz, finalizando que este corpo não é um corpo qualquer, mas um corpo de pele preta.

Conclusão

Ler e analisar a escrita sobre o corpo da mulher negra percebendo-o como uma forma política de resistência, evidenciou a recriação de uma representação outrora estereotipada. Com o apoio de teóricas como Isaldinha Nogueira, Bell hooks, Miriam Alves, Conceição Evaristo e Audre Lorde, foi possível desconstruir visões hegemônicas e

construir visões que mostram a mulher negra em sua expressão própria. A análise desses poemas possibilitou a percepção da marca de uma identidade para essa mulher negra. Analisá-los, para mim, foi uma oportunidade para marcar a existência de minha própria subjetividade e a subjetividade daquelas que me cercam. Foi pensar no nós, comunidade, e na quebra de estereótipos perpetuados sobre mulheres negras na literatura. Infelizmente, por causa da extensão do trabalho, não foi possível analisar todos os poemas da coletânea **Além dos quartos: coletânea erótica feminista negra Louva Deusas** (2015), mas foram selecionados poemas que poderiam abordar a apresentação e a análise do tema de forma satisfatória.

Para finalizar, trago um pensamento de Gonçalves (2010, p. 269) que, ao analisar a poesia feminina dos **Cadernos Negros**, afirmou que a representação da mulher negra na escrita poderia ser modificada através da poesia erótica. Ao pensar nisso, o presente trabalho, teve por objetivo analisar novas possibilidades de produções poéticas que falassem sobre o corpo negro através da sensualidade, da eroticidade e da sexualidade, pois, em busca da emancipação do corpo negro encontra-se o futuro de toda uma sociedade.

Referências

ALMEIDA, Raquel. **Raquel Almeida: quem sou eu**. Disponível em: <http://rakaalmeida.blogspot.com/p/blog-page.html>. Acesso em: 17 jun. 2020.

AFONSO-ROCHA, Ricardo; MELO, Iago Moura; SANTOS, Celina Rosa dos. Mamacita fala, vagabundo senta: ativismo, construção identitária e resistência em Karol Conka. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 10, n. 1, p. 352-376, 2019.

NEGRÍNDIA, Aline Soares. **Blogueiras Negras**, 2015. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/au-thor/aline-soares-negrindia/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil: pensando na existência. **Revista ABPN**, p. 181-189, v.1, n. 3, p. 181-189, 2010.

CASTRO, Fabiana. **Negras jovens feministas: sexualidade, imagens e vivências**. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado Programa em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2010.

COUTINHO, Afrânio (Org.). **Jorge de Lima. Obra Completa**. vol. I. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958. p. 291-293.

CRUZ, Isabel C. F. da. Sensualidade, sexualidade e emancipação: subsídios para a discussão sobre a subjetividade da mulher negra. **Boletim NEPAE-NESEN**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 227-232 2015. Disponível em: <http://www.jsncare.uff.br/index.php/bnn/article/view/2791/>. Acesso em: 07 dez. 2020.

DUARTE, Mel. **Sobre a poeta**. Disponível em: <http://www.melduartepoesia.com.br/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, 2015. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a>. Acesso em: 17 jun. 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Círculo do livro, s/d.

LINHARES, Kleiton. **O corpo da mulher negra: a dualidade entre o prazer o trabalho**. Simpósio Internacional de educação: Feminismos, identidades de gênero e políticas públicas, 2015. Disponível em: [http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/623 .pdf](http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/623.pdf). Acesso em: 17 jun. 2019.

GONÇALVES, Virgínia Maria. A poética de inscrição feminina dos Cadernos Negros. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 266-267.

hooks, bell. Intelectuais negras. **Revistas Estudos Feministas**. IFCS/UFRJ & PPCCIS/UERJ. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (Org.) **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000, p. 188-198.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: essays and speeches**. Freedom: Crossing Press, 1984.

LOUVA DEUSA (Org.). **Além dos quartos**: coletânea erótica feminista negra. São Paulo, 2015.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XIII. Disponível em: <http://www.negromidiaeducacao.xpg.com.br/artigos/O%20corpo%20da%20mulher%20negra%20%20Isildinha%20Nogueira.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.

PAZ, Octavio. A imagem. PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SAFO, a poeta da ilha de Lesbos cuja visão sobre amor e sexo atravessou 2.600 anos. **BBC News**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/gera-479_55780. Acesso em: 06 jul. 2020.

SALES, Cristian Souza. **Expressões do erotismo e sexualidade na poesia feminina afro-brasileira contemporânea**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MiriamAlvesArtigoCristian.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SANTANA, Pabline. **Blogueiras Negras**, 2015. Disponível em: [http://blogueirasnegras.org/author/pab line-santana/](http://blogueirasnegras.org/author/pab-line-santana/). Acesso em: 17 jun. 2020.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VICENTE, Adalberto Luís; ANDRADE, Rangel Gomes. Considerações sobre a poética afrofeminina de Mel Adún: afetividade, erotismo, emancipação feminina e misticismo. **Revista Travessias**, Cascavel, v.12, n.1, p.113-130, jan./abr., 2018. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19102>. Acesso em: 17 jun. 2020.

Recebido em: 30 de agosto de 2020

Aceito em: 29 de outubro 2020